

## TRANSPONDO FRONTEIRAS URBANAS. ENCONTROS E MEDIAÇÕES NUM PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

Ana Paula Caetano,

*Instituto de Educação, Universidade de Lisboa (PORTUGAL), [apcaetano@ie.ulisboa.pt](mailto:apcaetano@ie.ulisboa.pt)*

### Resumo

Encontros e mediações nas fronteiras, percebendo-as, habitando-as, atravessando-as, atenuando-as. Proponho-me falar de encontros, ocorridos no contexto de um movimento complexo que designámos de Fronteiras Urbanas, iniciado em 2010 como um projeto de investigação etnográfica em educação comunitária, envolvendo uma comunidade académica e duas comunidades locais da Costa da Caparica<sup>1</sup>.

Recorto alguns episódios, inscritos em breves narrativas, poemas e textos de género inclassificável, onde a reflexão e a descrição se mesclam e dialogam. Os episódios são organizados em torno de conceitos, agrupados pela sua letra inicial, convergindo numa rede de significações que renova o seu potencial compreensivo e para a qual são convocadas vozes que falam da experiência e outras que a teorizam.

Pretende-se transpor fronteiras - entre tempos e espaços da experiência e da sua análise; entre as linguagens do quotidiano popular, da metáfora poética, da ciência analítica e da teorização conceptual.

Iremos falar de encontros que emergiram a partir da necessidade e do desejo coletivo de transformação, organizando o que era latente, ancorando a esperança, aprofundando processos de empoderamento e emancipação e verticalizando-se numa ética da responsabilidade, da equidade, do cuidado e da religação. A poesia surge como um instrumento de multi, inter e transculturalidade (Caetano & Afonso, 2014), de inclusão e de identidade, mas também de insatisfação, conscientização política e despertar da sensibilidade aos outros e ao mundo.

A mediação surge como movimento significativo, uma rede complexa de pessoas e de processos para facilitar a passagem entre as margens, o diluir das fronteiras, a existência mais pacífica dentro delas.

Conceitos que derivam da perspetiva da complexidade, como os de religação e transdisciplinaridade são convocados para compreendermos experiências tão ricas na sua diversidade e entrelaçamento.

**Palavras-chave:** educação comunitária, mediação, encontros, ética, complexidade

### ABSTRACT

Meetings and mediations in the borders, realizing them, living them, transverse them, attenuating them. I propose to speak of meetings held in the context of a complex movement called Urban Borders, started in 2010 as an ethnographic research project in community education, with two local communities of Costa da Caparica (1) and an academic community.

I Cut out some episodes enrolled in short stories, poems and texts of unclassifiable genre, where reflection and description are mixed and dialogue. The episodes are organized around concepts,

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência PTDC/CPE-CED/119695/2010), tendo como investigadora responsável Mónica Mesquita.

grouped by their first letter, converging on a network of meanings that renews its understanding potential and which are called voices that speak from experience and others who theorize.

The aim is to cross borders - between times and spaces of experience and analysis; between the languages of popular daily, poetic metaphor, analytical science and conceptual theorizing.

We will talk about meetings that emerged from the need and the collective desire for transformation, organizing what was latent, anchoring hope, deepening processes of empowerment and emancipation and verticalization in an ethic of responsibility, equity, care, recognition and reconnection . Poetry comes as a multi, inter and transcultural instrument (Caetano & Afonso, 2014), inclusion and identity, but also dissatisfaction, political awareness and sensitivity awakening towards others and the world.

The mediation is a significant movement, a complex network of people and processes to facilitate the transition between margins, the blurring of boundaries, a more peaceful existence within them.

Concepts that derive from the perspective of complexity, such as reconnection and transdisciplinary are called to understand such rich experiences in their diversity and interlacement.

**Key words:** communitarian education, mediation, encounters, ethics, complexity

## 1. O PROJETO FRONTEIRAS URBANAS

O projeto Fronteiras Urbanas resultou do encontro entre a comunidade académica e duas comunidades locais, da Costa da Caparica, situada no Concelho de Almada, uma pequena vila perto de Lisboa. Trata-se de uma comunidade piscatória, cuja história remonta ao princípio do século XX e uma comunidade multicultural situada num bairro clandestino, para a qual confluem maioritariamente imigrantes vindos de Cabo Verde – doravante referida por comunidade Bairro.

O projeto Fronteiras Urbanas procurou atuar no sentido de reconhecer, formalizar e aprofundar as histórias e os conhecimentos práticos das comunidades locais envolvidas, alguns dos quais correspondem a conhecimentos e práticas culturais tradicionais. Procurou, ainda, o empoderamento dos indivíduos e das comunidades, promovendo práticas educativas, sociais e culturais que favoreceram a organização, a interação e a integração em comunidades mais amplas.

As dimensões nucleares do projeto eram a alfabetização crítica, as histórias de vida e a cartografia múltipla, enquadradas num movimento de educação comunitária com sentido emancipatório. A mediação, que surge como uma intenção nesse quadro de transformação social, é entendida como um processo emergente, transversal àquelas dimensões e que ganhou múltiplos contornos ao longo do tempo. Para além destas quatro valências principais do projeto, foram emergindo e aprofundaram-se algumas iniciativas que já existiam em embrião e que a presença do projeto favoreceu (Mesquita, 2014), alguns dos quais darei conta mais à frente.

## 2. E – ENCONTRO, EMERGÊNCIA, ENCARNAÇÃO (EMBODIMENT), EMOÇÃO, ESPERANÇA, ENTUSIASMO, ESTIMA DE SI E DOS OUTROS, ÉTICA, EQUIDADE, ECO-ORGANIZAÇÃO, EMANCIPAÇÃO, EMPODERAMENTO

Começamos por um conjunto de palavras que nos são muito caras e que se iniciam, todas elas, pela letra “e”, reagrupando-se por sua vez em constelações mais restritas.

No encontro, dá-se a emergência do novo, a organização do que já era subterrâneo. Foi o caso da criação do grupo de Batuko, prática cultural ancestral, que passa de geração para geração, que se manifesta de forma espontânea nas festas e que é presente também na história pessoal :

«Desde pequenino. O nosso cabo-verdiano tem *batuko*. Tradição da nossa terra. Gosta muito, não é só aqui.(...) Eu lá em Cabo Verde deixei um grupo de batuko que até ainda está lá a funcionar. Não é aqui que eu começo o batuko não. Muitas coisas eu sabe fazer.» (entrevista a batucadeira)

O grupo de batuko precisou do impulso de fora para se manifestar plenamente, começando por encontros no Bairro e expandindo-se em apresentações em diversos eventos que se realizaram fora dele. O primeiro dia em que se encontraram, sobretudo mulheres de diferentes gerações, é paradigmático de como um pequeno sopro é o que basta para acender um rasilho que depois se torna imparável. Na seguinte nota de campo, redigida em prosa poética, dá-nos conta desse encontro, do estranhamento da própria investigadora que narra, das dinâmicas e ritmos que se sucedem com vida própria e que o ritmo e musicalidade da escrita persegue:

Um olhar, um sorriso, um desconforto, uma gargalhada, um gracejo. Uma mão estendendo a tangerina e outra recebendo-a. Lentamente, aproximando-nos. Uma pergunta sobre quem somos, nenhuma pergunta, um olhar que observa, perscruta, interroga. Artefactos estranhos, desajustados, mas que começam a entrar como possíveis. Curiosidade, aprovação, aceitação. Os corpos dançando, a correção do movimento, o riso, depois o desacerto, não ser mais à vontade. O que pensam? O que sentem? Sentirmo-nos mutuamente estranhos. Línguas distintas, ficar à margem, sem ser por mal, é assim mesmo, não nos sabemos. Mostrarmos interesse, mesmo assim. Observarmos os ritmos, entrarmos neles e ao mesmo tempo percebermos que nos escapam. Corpos que se tocam, lágrimas escondidas, olhares tristes. Invertidos depois em risos e danças e sons. Mimetizando outros. Batucando. Espontaneamente batucando. Espontaneamente cantando. Lentamente soltando memórias que os corpos guardam. A voz a soltar-se, as letras a suceder-se. As danças, os corpos, o tempo espraiando-se. Preguiçando à espera. Ganhando de tempos a tempos euforias, picos de energia até a exaustão os afrouxar. E voltando de novo, depois. Como vagas.

Por debaixo uma suspensão, à espera de algo que organize as energias soltas. Um outro corpo, uma outra voz, de fora e dentro, duas em uníssono, uma esperança de algo que se projete no tempo. Quem virá e quando, em que circunstâncias, a mostrar um dia, e a promessa de que ele será em breve. Um toque leve, sem nada de preciso. Mas tão só suficiente. Os corpos agora prosseguem, as vozes ondulam, os braços e as mãos ganham força de vida, entre o céu e a terra, uma alegria.

É tempo de partir deixando a semente germinar. (nota campo, 26.5.2012)

Entra-se, assim, numa efervescência, num êxtase coletivo, assumindo tradições e fortalecendo o corpo comunitário:

A compreensão das efervescências festivas é também uma forma de sabedoria pertinente na medida em que ensina a adaptar-se, no sentido forte, a esse instinto turbulento, que faz do indivíduo uma realidade enraizada na vida social, mas também na natureza que lhe serve de ecrã. (Maffesoli, 2003, p.151).

Êxtase que, embora efeito de indivíduos, tem, essencialmente, uma dimensão coletiva. Experiência do ser integrando ou ultrapassando os limites do corpo, adequada a conseguir a epifanização do corpo comunitário (idem, p.140)

O desejo ganha corpo, salta em emoção, ganha em esperança e espalha-se em entusiasmo, favorecendo a expressão e a estima de si, pela estima do outro que nos observa.

Empowerment, emancipação, embodiment, conceitos que tão bem são articulados pelo consultor e pela investigadora principal do projeto, que nos alertam para estarmos atentos aos sinais:

O empowerment conquista-se, não é dado. São processos emergentes. É preciso entender os movimentos de libertação, dentro, e os movimentos de auto-organização contra o sistema (...) Quais os sinais de auto-organização? (...) Não há ponto zero. (José Pedro Martins Barata, nota de campo, 8-9-2012)

Centrada na educação comunitária, apresento o conceito de espaço como fator crucial de integração (ou se preferirem, inclusão) – tendo ele próprio a postura de lembrar ao ser humano a atual emergência para estar com o outro, com a natureza, e para repensar a alegada supremacia da espécie humana face às outras formas de vida (...) Tenho vindo a constatar que as forças produtivas e as relações de produção inseridas nas comunidades mantêm-se em consonância com o espaço posicional e relacional do corpo. É no espaço

concreto do encontro, onde a mente e os afetos se corporificam pelo ato da palavra dialogada e agida, que as transformações internas e externas, individuais e coletivas, acontecem. Trata-se de uma ética da relação e do diálogo, onde a identificação e a desidentificação são processos que favorecem a emancipação dos vários que se reconhecem no encontro. Trata-se, pois, de uma ética do reconhecimento de si no outro e do outro em si mas, também por isso, de desconstrução e reconstrução do eu. (Mesquita, 2014, p. 27)

### 3. M – MEDIAÇÃO, MEIO, MOVIMENTO

Mediar, ser no meio, um movimento significativo com finalidades significativas. Estar entre, ser canal, passagem entre margens, não sendo das margens nem do rio que corre entre elas, às vezes parado, outras tumultuoso.

Ao mesmo tempo, ser num plano que observa e compreende o que é em cada lado e o que pode ser o espaço entre. Projetando a partir do que já é, em embrião, embora precise do passo e do tempo para amadurecer.

No projeto Fronteiras Urbanas criou-se uma rede de mediação complexa, onde foram emergindo figuras de mediação de modo mais ou menos informal e imprevisível, e onde se multiplicaram processos, dispositivos e modalidades, operando de forma complementar em diversos âmbitos. Estabeleceram-se pontes a nível intra e intercomunitário, mas também entre as comunidades e outras instâncias, nomeadamente do poder municipal, bem como organizações associativas e educativas. Mediação de conflitos, mediação linguística e intercultural, mediação entre educação informal no bairro e educação formal em escolas e centros de formação, mediação social entre comunidades participantes são algumas das modalidades de mediação identificadas. Foi-se desenvolvendo em acontecimentos como a criação de uma comissão de moradores, a colaboração entre líderes de diferentes comunidades, iniciativas de divulgação do projeto, debates em fóruns de participação pública, desenvolvimento de um projeto de cozinha comunitária. Pudemos, ainda, identificar os mediadores locais e académicos, atuando quer de forma articulada quer de forma autónoma, em ligação com a líder do projeto, num quadro de relações horizontais de poder, liberdade e respeito mútuo.

Na mediação de conflitos, passo a relatar uma situação particular que emergiu da necessidade de responder à violência física perpetrada por parte das autoridades policiais sobre os membros de uma das comunidades, que se vinha a agravar. Num incidente que implicou a destruição dos bens de um dos moradores e a sua detenção para interrogatório, gerou-se um movimento de solidariedade por parte dos membros das três comunidades, que se postaram à frente da esquadra enquanto ocorria o interrogatório. Para além do apoio e presença continuada da coordenadora do projeto, que ajudou a redigir uma queixa contra a polícia, na própria esquadra, e que se manteve firme durante a noite no bairro, constituiu-se um grupo de mediação, formado por esta, um mediador comunitário do projeto e duas mediadoras da comunidade académica. Este grupo solicitou um encontro com o comandante da GNR, no qual estabeleceram um diálogo que permitiu esclarecer pontos de vista, reconhecer o valor das autoridades na manutenção da ordem, mas também a arbitrariedade de ações de violência sobre as populações. Do encontro decorreu um acordo tácito, de retirada de queixa, temperança na atuação policial e colaboração desta força de autoridade no processo educativo da escola do Bairro. O comandante foi a uma sessão de alfabetização, na qual teve oportunidade de falar do papel da polícia, mas onde se confrontou com mulheres que o souberam interpelar, solicitando uma ação pacificadora e reguladora da violência no Bairro.

Neste episódio e sequência de interações integramos sobretudo componentes de ordem social, mas também na análise cultural das situações e na clarificação de propósitos (Gimenez, 2010). Os diálogos que se estabeleceram facilitaram o reconhecimento de um conjunto de problemas, uma compreensão maior das posições das diversas partes, a desconstrução de preconceitos mútuos, uma aceitação maior do outro, uma colaboração na procura de soluções comuns.

Este episódio, e tantos outros, foram a base de uma pesquisa sobre mediação comunitária que nos levou a concluir que:

no quadro dos processos de educação e desenvolvimento comunitários, a mediação é um caminho para a tomada de consciência de injustiças sociais e de consequente atuação reivindicativa pelos direitos sociais. Os processos e dinâmicas de mediação criam laços, transformam relações, desenvolvem solidariedades, geram dinâmicas de participação e de pacificação, segurança e confiança, promotoras da afirmação da própria cultura e da interculturalidade (Freire & Caetano, 2014, p.5-6)

Mas a mediação não se fez sem que os conflitos de poder se manifestassem. Por vezes, o empowerment que o papel de mediação conferiu aos mediadores locais, colocando-os em contato com múltiplas situações e em interação com muitos outros, favoreceu comportamentos de prepotência e fez emergir ressentimentos por parte de alguns dos outros habitantes das comunidades. Nem sempre conseguimos superar esses conflitos, o que fez com que alguns desistissem de participar ativamente no projeto.

A mediação é um processo de aprendizagem para todos, pois implica mudanças no modo como nos relacionamos uns com os outros e implica uma cultura de relações horizontais que colidem com o modo dominante das relações sociais: “Trata-se de uma cultura que deve ser partilhada e de uma ação pedagógica que supõe a transformação do quadro relacional implicando todos enquanto mediadores e educadores”(Márquez-Garcia, 2011, p.311).

Terá faltado aqui um acompanhamento mais continuado e uma preparação mais sistemática para a mediação, através de processos de reflexão conjunta entre membros das diferentes comunidades, nomeadamente daqueles que formal ou informalmente assumem um papel de liderança e de mediação.

#### **4. TRANS – TRANSCULTURALIDADE, TRANSDISCIPLINARIDADE, TRANSPESSOAL, TRANSCENDÊNCIA, TRANSFORMAÇÃO**

Trans como prefixo de palavras como transpessoal, transformação, transcendência. Trans como o sentido de alargar, abarcar sem dividir, expandir, mantendo em aberto o horizonte. Um horizonte aberto, como diria Panikkar (2001, p.33), dinâmico, móvel, sem barreiras a impedir-nos de caminhar. Embora o ir possa ser um inter, quando as fronteiras são no meio, mesmo que invisíveis, mesmo que não nos impeçam de avançar. São no meio, mas podem ser derrubadas, pela consciência. Uma consciência ampliada, uma consciência que pode experienciar a unidade do que aparenta ser separado,

Todo o ser possui uma dimensão abismal e ao mesmo tempo transcendente e imanente. Todo o ser transcende tudo, até e, talvez mais precisamente, a ‘si mesmo’, que, na verdade, não tem limites. É, além disso, infinitamente imanente, quer dizer, inesgotável e insondável. (...) infinita inesgotabilidade de qualquer ser real, o seu carácter sempre aberto, o seu mistério (PanikKar, 2003, p.98).

Há no homem uma tendência à procura da unidade da existência universal, unidade que ele deixou de perceber e viver por uma hipertrofia (...) dos cinco sentidos m detrimento do ‘sexto sentido, do raciocínio em detrimento da intuição” (Weil, 1989, p. 60)

Trans como transpor os limites da percepção condicionada pelos cinco sentidos e aceder a uma realidade profunda – o mar indiviso por debaixo dos encrespamentos das ondas. Trans como convicção e utopia, motivando-nos ao mergulho, que nos transporta para além da aparência e nos permite compreender e atuar de forma mais ampla. Trans como um ir mais além, para além – nas perguntas, no conhecimento, na consciência.

Preciso teorizar estratégias do povo usadas para sobreviver, para lidar com o quotidiano, e para transcender, explicar fatos, fenómenos, mistérios (...). Transcender, perguntar sobre onde (além do aqui) e sobre quando (além do agora, perguntar o antes e depois), além das necessidades materiais e de sobrevivência do indivíduo e da espécie (Ubiratan d’Ambrósio, nota de campo, 8-9-2012)

Mas o além pode ser já aqui, como diz Dufour-Kowalska “o soberano bem não reside num para além longínquo e inacessível, reside em nós, escondido, é verdadeiro, no mais profundo de nós mesmos”,

(1996, p.231). É este o mistério do elo profundo entre a transcendência e a imanência, como verso e reverso da mesma realidade.

Escolho aqui falar da Escola do Bairro, uma escola popular onde se transgrediram as fronteiras e se viveu esse horizonte móvel, de saberes que se partilharam e se construíram em conjunto, ligados à sobrevivência e ao pragmatismo, mas também ao prazer lúdico, estético e criativo e ainda à conscientização ética e política. Os saberes cruzaram-se, na horizontalidade do seu valor, nem melhor nem pior, nem mais nem menos, igual e diferente ao mesmo tempo. Em atividades de tipos distintos: periódicas, pontuais e em projetos constituíram-se dinâmicas várias, envolvendo pessoas e instituições diversas, acontecendo nos espaços públicos e privados, dentro e fora das comunidades, juntando seres humanos de diferentes gerações e culturas.

Muitos foram os momentos no projeto/movimento Fronteiras Urbana onde a transdisciplinaridade, a transculturalidade, a transpessoalidade aconteceram.

As disciplinas fundiram-se com os problemas do quotidiano, sendo as escritas e as matemáticas usadas como instrumentos para a vida, sendo a aprendizagem das línguas facilitadora da comunicação, sendo os saberes da eletricidade, da agricultura, da gastronomia ou de fabrico de sabão partilhados e apreciados pela potencial autonomia e sustentabilidade que com eles se conota.

Também o conhecimento da história e a reflexão política em círculos de cultura, em visitas locais, em workshops ecológicos concorreram para o aprofundamento da situacionalidade, para o questionamento das culturas e preconceitos, para a compreensão da mutabilidade e das possibilidades de transformação.

As artes fotográficas, poéticas, teatrais, plásticas, musicais foram convocadas em momentos diversos, proporcionando a fruição e a produção individual e coletiva, favorecendo o aprofundamento dos encontros interpessoais, transculturais e transpessoais.

E como testemunho deste movimento transcultural, apresento um poema coletivo, escrito a partir das falas espontâneas, enquanto estas fluíam em diálogo, numa sessão onde adultos e crianças, homens e mulheres se juntaram para dizer de si, partilhando-se:

	para dar?	
	não sei...	
a minha mãe é		
o grande amor da minha vida		
	este amigo	
	de quatro patas	
		olho para a terra
		e sinto que não é possível
		viver sem vida
		que o mesmo é dizer
		viver sem amor
é preciso viver		
sempre		
com amigos		
	não sei ... vou ver	
este abrigo		
	mas qual abrigo?	
		este
		aquele onde passa o vento
	um sonho	
qual sonho?		
	um sonho lindo	
		realizado? Ou inventado?



este amigo parece que é infinito		feio ou bonito? grande ou pequeno?
	não quero dizer nada	
	mas como assim?	tenho medo de agir sem pensar
sem ter medo de errar?		
	por exemplo	
porque será?		veia filosófica
	quê?	
	é melhor não dizeres nada escreve tudo	veio ao de cima
não há segredos entre amigos		
	eu penso, não digo é porque não quero	será?
		será que o amor é real?
	deve ser, que é? ou é uma vida de encanto?	
		já se está a mostrar claro, uma poeta
	será que está a fazer bem ou será que só está a se encantar? como as estrelas?	
o nosso poema é muito grande		
		quanto mais grande melhor
fica mais giro	é mesmo?	
	de certeza!!!	

## REFLEXÃO FINAL

No movimento Fronteiras Urbanas, nos encontros e mediações que se foram desenvolvendo, assumimos a dimensão ética e política da educação comunitária e da investigação. Trata-se de uma ética da responsabilidade, da equidade, do reconhecimento, da religação e do cuidado e de um comprometimento com estes princípios, nesses encontros. Uma ética que implica a aceitação das polaridades em nós, das contradições e da incerteza:

É o sentimento trágico inerente a um tal 'situacionismo', que gera uma co-responsabilidade, uma compaixão mútua, em suma, uma fraternidade horizontal ligada à importância do momento presente (Maffesoli, 2003, p.152)

A responsabilidade não pode alijar a aposta, o risco, o perigo da irresponsabilidade (Morin, 2001, p.222)

A ética não poderia ser lúcida sozinha, isto é, ignorar as eventualidades e as desordens que impõe a ecologia da ação: não basta querer agir bem para agir bem. Isto significa que a

ética não pode superar a complexidade: só pode trabalhar com a complexidade, ou seja, a pluralidade, a contradição, a incerteza (Morin, 1992, p.215)

A religação e o cuidado mútuo são, também, a escolha em liberdade do nosso caminho, a aliança entre a razão e a emoção e, sobre elas, o espírito:

Acreditamos na paz possível sob duas condições: a primeira, de acolhermos a polaridade sapiens/demens, amor-ódio, opressão-libertação, caos-cosmos, sim-bólico-dia-bólico como pertencendo à condição humana, pois somos a unidade viva dos contrários, segunda, de reforçarmos de tal maneira o polo luminoso desta contradição que ele possa manter sob controle, limitar e integrar o polo tenebroso (Boff, 2003, p.92)

A ética perdeu o coração e o 'pathos', a capacidade de sentir em profundidade o outro (...) precisamos de um ethos que não apenas procure, mas que também ame e cuide (p.44). Quando a razão busca até ao fim encontra na raiz dela o afeto que se expressa pelo amor e, acima dela, o espírito que se manifesta pela espiritualidade (idem, p. 44).

## REFERÊNCIAS

- Bohm, D. (1987). *Unfolding meaning, a weekend of dialogic with David Bohm*. London: ARK Paperbacks, Routledge & Kegan Paul.
- Boff, Leonard (2003). *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes.
- Caetano, A.P. & Afonso, J.C. (2014). Trans-inter-multiculturalidade. A poesia como lugar de mediação. In M. Mesquita (org.). *Fronteiras Urbanas. Ensaio sobre a humanização do espaço*. Viseu: Anonymage e IE-UL.
- Caetano, A. P. & Freire, I. (2014). Identités et pratiques culturelles dans un projet d'éducation communautaire. In Louis Basco (dir.). *Être... des valeurs aux pratiques culturelles*. Paris: L'Harmatan.
- Dufour-Kowalska, G. (1996). *L'art et la sensibilité. De Kant à Michel Henry*. Paris : Vrin.
- Freire, I. & Caetano, A.P. (2014). Mediação em contexto comunitário. Etnografia crítica de um caso. *La Trama. Revista interdisciplinaria de mediación y resolución de conflictos*, 1-12
- Giménez, C. R. (2010). *Interculturalidade e Mediação*. Lisboa: ACIDI.
- Krishnamurti. (2011). *O despertar da sensibilidade*. Lisboa: Editorial Estampa
- Maffesoli, Michael (2003). *Entre o bem e o mal. Compêndio de subversão pós-moderna*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Maffesoli, M. (2005). *Éloge de la raison sensible*. Paris: La Table Ronde.
- Márquez-Garcia, M. J. (2011). *Mediadoras interculturales en centros educativos. Un ponto de vista narrativo*. Tese de doutoramento. Almeria: Universidade de Almeria.
- Mesquita, M. (2014). Fronteiras Urbanas – sobre a humanização do espaço. In M. Mesquita (org.). *Fronteiras Urbanas. Ensaio sobre a humanização do espaço*. Viseu: Anonymage e IE-UL
- Morin, Edgar (1992). *As grandes questões do nosso tempo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Morin, Edgar (1999). *Amor, poesia e sabedoria*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin , Edgar (2001). *Le Méthode. 5. L'humanité de l'humanité. L'identité humaine*. Paris: Seuil.
- Morin, E. (2004). *La méthode 6. Éthique*. Paris: Seuil
- Neves, S. (2008). *Amor, poder e violências na intimidade*. Coimbra: Quarteto



Panikkar, R. (2001). *Intuição cosmoteândrica*. Lisboa: Editorial Notícias

Sternberg, R.(1988). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93 (2), 119-135.

Titus, E. (2005). Interconexão cidadania. Participação we power. In J. Drew & D. Lorimer (orgs.). *Ways through the wall. Approaches to citizenship in an interconnecting world*. Gloucestershire: First Stone Publishing.

Weil, P. (1989). *A consciência cósmica: introdução à Psicologia transpessoal*. Petrópolis: Vozes.

Woolf, V. (2003). Carta a um jovem poeta. In Rilke, R.M. & Woolf, V. *Cartas a jovens poetas*. Lisboa: Relógio d'Água.